Clima. Portugal vai ter menos chuva mas muito mais intensa

Enquanto o mundo luta com as consequências do aquecimento global, Portugal está preparando-se para um futuro muito diferente, com menos chuvas mas mais intensas. Esta mudança climática pode ter um impacto significativo em vários setores, incluindo agricultura, ecológia e economia.

O estudo da Universidade de Lisboa é o primeiro a focar-se na precipitação em Portugal, usando os mais recentes modelos. No sul do país vamos ter menos chuva, mas os efeitos serão mais nítidos no Norte. Ainda assim, embora a quantidade de água diminua, a qualidade pode aumentar.

O estudo, publicado na revista "Climate Dynamics", reúne uma síntese dos cinco melhores modelos europeus para a precipitação e compara os valores obtidos em 30 anos de clima presente (1971-2000) com os projetados para 30 anos de clima futuro (2071-2100). Apesar dos modelos europeus e, aqueles mais específicos, direcionados para a Península Ibérica, já mostraram uma tendência para um decréscimo dos níveis de precipitação para a zona mediterrânea, esta foi a primeira vez que uma investigação deu certeza sobre essa realidade.

A quantidade de chuva média anual, em Portugal, vai diminuir 20% no Norte e 30% no Sul de especificamente para Portugal. Assim, está previsto um decréscimo da precipitação acumulada anual de cerca de 15% no Norte do país e de 30% no Sul. Estas reduções são razoavelmente dependentes, podendo atingir os 70% no Verão em parte relevante do território. Perante esta diminuição da precipitação, as baixas hidrográficas deverão ter uma redução de quantidade de água todos os meses, com exceção de Dezembro, que se mantém como um dos meses mais chuvosos.

Se a conclusão geral aponta para anos de menos chuva, pontos mais específicos da análise dão conta de episódios de precipitação intensa mais frequentes, em detrimento dos dias em que chove pouco. Os episódios de chuvas intensas aumentam na ordem dos 10% a 20% no Norte e 20 a 30% no Sul do país.

No final do século XXI, vemos ter menos chuva, mas mais dias de precipitação intensa. Esta é a principal conclusão de um estudo do Instituto Dom Luiz da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, o primeiro a focar-se na especificidade da precipitação em território português. “Apesar de ser um país pequeno, – ressalta o investigador Pedro Matos Soares, Portugal tem especificidade únicas em termos de clima”, afirma Marta Cerqueira, autora do estudo.

O estudo conclui que estas mudanças podem ter “impactos dramáticos” para setores vitais da economia, como o caso da agricultura, o abastecimento de água e a produção de energia, tendo em conta a diminuição de água nas barragens. "Chovendo menos, mas de forma mais intensa, a agricultura sofrerá mais", alertou Pedro Matos Soares.

Com os dados mais recentes na mão, a equipa do Instituto Dom Luiz, vai agora começar a trabalhar com equipas do sector energético, florestal e agrícola, para se perceber as consequências em cada uma das áreas. "Os modelos de impacto de cada sector vão usar os nossos inputs de forma a perceber qual vai ser a resposta, por exemplo, das plantas, das florestas ou da produção hídrica do país num futuro com estas características".

O balanço de final de ano do Instituto do Mar e da Atmosfera (IPMA) não deixa dúvidas: 2014 foi o mais chuvoso dos últimos 25 anos em Portugal, com valores de temperatura média do ar e da precipitação superiores ao valor médio, tendo ocorrido apenas em cerca de 10% dos anos desde 1931. No entanto, os records não se fizeram pela chuva. Também as temperaturas se aproximam da normal, com 2014 a ter considerado o 12.º ano mais quente desde 1931. Segundo o IPMA, valores superiores aos registados no ano anterior ocorreram apenas em cerca de 15% dos anos.

Para juntar os feitos meteorológicos do ano passado, estão as características do mês de Fevereiro, o mais chuvoso dos últimos 35 anos, e um valor médio da quantidade de precipitação a superar duas vezes o valor normal. Como reflexo do cenário do resto do ano, também as temperaturas foram superiores ao habitual. A passagem da tempestade Stephanie, que se registou em Portugal Continental a 9 de Fevereiro de 2014, ajudou à alteração dos números tendo em conta a forte precipitação que originou, com aguaceiros por vezes sob a forma de graniço, e vento forte com rajadas muito fortes, superiores a 100 quilómetros por hora.

Apesar de cada vez mais comuns, Pedro Matos Soares garante que “não é por termos um ano mais chuvoso, mais frio ou mais quente que dizemos que o clima está a mudar”. O investigador garante que as análises têm que ser feitas, no mínimo, a trinta anos, mas garante que o “processo de aquecimento” do planeta faz com que a energia tenha que ser canalizada, o que acontece muitas vezes em forma de chuvas rápidas como as que tem acontecido no último ano.